

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA DE GOMES LEAL

Cecília Barreira

António Duarte Gomes Leal é ainda hoje um poeta maldito, arredado da notoriedade a que outros nomes da cultura (decerto não tão incómodos) ascenderam. E a incomodidade paga-se cara. Mas é esta feição subversiva, suposta cumplicidade com o satânico e o perverso, lado oculto de um bom senso que se preza e se cultiva, que torna esta poesia porventura mais atraente, mais sedutora e sublime na sua dimensão esquizofrénica, entre o delírio e o mistério.

Gomes Leal nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1848, filho de um empregado da Alfândega que nunca chegaria a casar e a legitimar os filhos, António e Maria Fausta. O pai morreu ainda novo. Daí que a sua figura esteja relativamente ausente, nunca preenchendo uma presença forte no imaginário poético de Gomes Leal. Mas a infância resguarda-se num lugar de felicidade e de utopia, memória que tantas vezes se recorda com saudade. Consta que foi passada despreocupada e alegremente. As primeiras poesias surgem na *Revolução de Setembro*, ia o poeta nos dezanove anos. Soava a hora do satanismo, de Baudelaire, do fantástico, do mistério. Mas outros ventos o aguardavam entre 1879 e 1880. Falava-se de revolução, de socialismo e de operários. Os intelectuais paravam muito na Livraria Internacional de Carrilho Videira. Sabe-se lá quantas conspirações e outros devaneios não ocorriam entre amenas cavaqueiras e discursos mais exaltados. O *Espectro de Juvenal*, periódico, onde figuravam como redactores

O Conceito de Representação

Gomes Leal, Guilherme de Azevedo e Luciano Cordeiro deve ter nascido assim, num ritual tipicamente lisboeta, entre o café e a livraria. 1872, era o ano. E, logo após, as convulsões de Espanha agitavam os intelectuais portugueses. Dos federalistas, aos iberistas.

Gomes Leal anuncia o seu *Tributo de Sangue*, com um travo socialista a marcar o andamento do discurso. No Teatro do Príncipe Real lá o veremos participando num espectáculo a favor do jornal *O Rebate* que se encontrava à beira da falência. A morte da irmã, ocorrida entre 1870 e 1875 marca-o profundamente. *Claridades do Sul*, provavelmente, o seu melhor momento poético, para além de poisar em temáticas que se relacionam com a morte, o sangue derramado, a pureza, transcorre dessa perda, para o poeta irreparável. Entretanto, nada o demovia de uma intervenção jornalística de cariz político. Após *A Tribuna*, Gomes Leal assenta arraiais n'*O Século* que inicia publicação em 1881. Assinava uma secção, *Carteira de Mefistófeles*, de onde surgiriam livros como *Mefistófeles em Lisboa* e *Retratos Femininos*. É no jornal *O Século* que escreve os poemas mais panfletários da sua existência: *A Traição* e *O Herege*. Entre as comemorações camoneanas e as malogradas conversações com os ingleses que culminariam em 1890 com o *Ultimatum*, redige o poeta uma violenta invectiva contra o rei D. Luís. Resultado imediato de tal atrevimento: uma breve passagem pelos calabouços e, sobretudo, a notoriedade. Tal a época em que Gomes Leal foi tratado como um herói.

Outros tempos, porém, se adivinhariam não tão prometedores assim. Até 1910 o poeta foi sustentado economicamente pela mãe. Aos sessenta anos, quando ela lhe faltou, a orfandade torna-se-lhe pesada e desesperante até um estágio último de degradação. A 12 de Agosto de 1910, em carta publicada num jornal nacionalista e católico, o autor do polémico *Anti-Cristo* renega perjúrios da juventude e converte-se ao cristianismo. Teria sido um pedido último no leito de morte da piedosa mãe? Não o asseguramos. Mas a carta, essa, saiu e deu brado: "Solenemente declaro que me retrato, repilo, abjuro de todos os escritos e poemas que hei tracejado, em que se mantém matéria contrária aos ideais que actualmente professo, e que foram escândalo para o Cristo e a sua Igreja". Uma longa fase de declínio se iniciava até à morte ocorrida em 1921.

Detenhamo-nos nos traços fundamentais da sua poesia. Gomes Leal insere a sua obra numa "estética do mistério". E evoca Edgar Poe e Hoffman. Seduzido pelos ocultismos, traçando a estranha pose de

A Representação do Feminino na Obra de Gomes Leal

um poeta sem escola – rejeita que o considerem satânico ou realista – Gomes Leal representa um primeiro encontro da poesia portuguesa com as ambiências do fantástico. Viajar por essa poesia é penetrar num universo inquietante, algo mórbido, intimidade fluida com a perversão, a morte e a síndrome do sangue, onde a representação da mulher é prioridade fundamental.

Se encararmos o fantástico como Roger Caillois em *Au Coeur du Fantastique* enquanto "ruptura com uma ordem reconhecida, irrupção do inadmissível no seio de uma inalterável legalidade quotidiana", então, sem dúvida, que nos encontramos perante um género fantástico. Todorov explica em *Introduction à la Littérature Fantastique* que o fantástico não dura senão o espaço da hesitação entre duas ordens distintas, a do natural e a do sobrenatural.

Quer em Todorov, quer em Caillois o fantástico consagra a tensão entre dois pólos que episodicamente se mesclam ao ponto de lhes não reconhecemos fronteiras: por um lado, as leis regulares do quotidiano, por outro, o sobrenatural.

Num quotidiano aparentemente inalterável e ameno, ocorre um facto estranho que não é explicado racionalmente: aí penetramos num domínio especialmente grado a Gomes Leal.

Espaço

Toda a literatura decadente, na qual se insere parte da produção poética do autor, elege como espaços privilegiados os locais soturnos, imersos em escuridão ou em parca luminosidade. Normalmente designam espaços concêntricos isolados, auto-regulando-se por um aprisionamento face ao exterior: falamos, por exemplo, dos cemitérios, dos castelos, ou dos palácios. Das prisões ou dos jardins. O local de eleição para o derramamento do sangue da vítima – uma mulher bela, quase sempre em situação de núpcias – nunca se assinala em nenhum destes espaços auto-regulados. Assinala-se, sim, num espaço ainda mais específico do ponto de vista psicanalítico: o leito, por excelência o altar consagrado a uma expiação ou a um sacrifício divino. Excepções existem, como, por exemplo, em *A Mulher de Luto*. A acção decorre num palácio situado num,

*"alto penhasco enegrecido
e bruto,
onde os corvos da noite e os
mochos têm guarida".*

O Conceito de Representação

Mas em inversão genial da situação, o poeta prefere transformar o herói masculino em vítima de uma vampiresca Teodora, *A Mulher de Luto*. O Herói surpreende-se a si próprio no leito,

*"achei-me no solar desse penhasco bruto:
encontrei-me estendido ao comprido num leito
– e em pé, como uma estátua hirta, a Mulher de Luto".*

Na poesia "Mefistófeles no Cemitério", tal como nos indicia o título, a acção decorre num cemitério. Vejamos como é descrito esse espaço:

*"Estendeu-se – ante mim – um vasto cemitério.
Cemitério gigante.
– Era o luar da cor de um marfim velho e sério
De um Cristo agonizante".*

Notem-se as cores que vão surgindo na preparação lenta e ascensional de um clima de terror:

*"As gotas do luar escorriam leitentas...
Contas de um colar frias!
Nas cruzes sepulcrais e as campas macilentas
Das tumbas alvadias.
Pairava nos covais, e em toda a circunferência
Da dormente região,
A fosfórica luz, verde fosforescência
Que sai da podridão.
(...)*

O elemento vermelho / sangue primordial no desencadeamento da visão terrífica:

*A esses glaucos clarões, dançando, num embate
Funéreo, alado e belo,
Os cravos tinham sangue – e o lírio a branco mate
Da folha de um cutelo".*

A cor realiza, neste entrecho, a articulação entre a ordem do natural – o luar, as campas, os cravos – e a ordem subversiva do terror, que irrompe nas associações seguintes:

A Representação do Feminino na Obra de Gomes Leal

*"o luar, cor de marfim velho";
"as campas macilentas";
"o verde fosforescência
que sai da podridão";
"cravos com sangue";
"lírios a branco mate
da folha de um cutelo".*

Encontram-se assim identificados os instrumentos de um potencial banho de sangue e de morte: a agonia, a pestilência, o sangue e o cutelo.

O leito, contrariamente, aos restantes locais obsessivos, raramente é descrito com pormenor. Serve, apenas, de referência com uma carga de erotismo evidente e notória. Consagra a realização de uma oferta.

*"um amante sacerdote antigo,
Derrubando uma deusa dum altar"*

A Um Corpo Perfeito

A posição da mulher no leito é de abandono, como estátua hirta e fixa, escultural quase inumana. Profanação da deusa, intromissão do caos e da desordem num espaço reservado ao respeito e à filigrana da virtude.

A situação erótica resulta da inadequação evidente entre uma determinada atmosfera de erotismo com a deflagração do sangue e a irrupção da morte.

A Síndrome do Sangue

O espectáculo do sangue derramado torna-se por si só a temática obsessiva primeira na poesia de Gomes Leal. A efusão do sangue constitui uma metáfora em torno da dominação da mulher por parte do amor masculino e a penalização, em última instância, da beleza.

*"Ah, bem sei quem tu és! – És a forma imponente,
o Infernal Feminino, a carne da Mulher!"*

Visão d'Ópio

Sem dúvida que a Mulher potencializa uma especial intimidade com as forças diabólicas e infernais; o local do feminino traduz uma

O Conceito de Representação

cumplicidade com a feitiçaria, com o mundo das serpentes, demoníaco e fatal. O sangue feminino vertido conjura esta teia de cumplicidades ao mesmo tempo que se inscreve numa penalização de um Eros desenfreado e louco. No poema *O Amor do Vermelho* exalta-se o "corpo branco amado, / Beleza escultural e triunfante". O Poeta logo se denuncia na seguinte imagem:

*"Persegue-me, mulher, a todo o instante
– Como o assassino o sangue derramado!"*

O corpo abandona-se ao leito, "pálido e brijado". E, no entanto,

*"– duro, excêntrico desejo!
– Quisera às vezes que a dormir te vejo
Tranquila, branca, inerme, unida a mim...
Que o teu sangue corresse de repente,
Fascinação da cor! – e estranhamente,
Te colorisse pálido marfim!"*

Note-se como o contraste da cor na antinomia branco / vermelho – "pálido marfim" / sangue, "fascinação da cor" – provoca o desejo erótico. Normalmente, é numa situação de núpcias, não consumada, que se assiste à execução de um crime. E a mão assassina é insondável nos seus desígnios: não há uma explicação racional e plausível, porque tudo se passa na zona subterrânea dos instintos, dos desejos, das pulsões. Diz António Coimbra Martins (que ao poeta dedicou estudos pioneiros de mérito indiscutível) que Gomes Leal é o "único da sua geração a reabilitar Eros". Discordamos desta opinião. Porque o que se passa em Gomes Leal, no gosto da crueldade e da perversidade erótica, é a subjugação do Eros à Dor e à Morte. A dor sagra a vida,

*"A Dor, gama final na música da Graça!
A Dor, último tom na escala da Beleza!"*

Nevrose Nocturna

Aliás, a Beleza plasma-se estática, escultural e passiva perante o desejo masculino e nele desencadeia as pulsões de morte. Diz George Bataille no livro *L'Érotisme* que existe "uma fascinação fundamental do desejo em relação à morte". O que se encontra em jogo no erotis-

A Representação do Feminino na Obra de Gomes Leal

mo é sempre uma dissolução das formas constituídas. As noivas que morrem nos leitos nupciais apresentam sempre ligações à esfera celestial através dos nomes: Ângela, Teodora, Celeste. Porque a mulher que se imola tem de estar imune do pecado e da conspurcação, nela se prefigurando Deus. A perversidade da morte de Deus, tal como assinala Coimbra Martins, é um dos vectores de compreensão dos finais do século XIX, dado que a

*"Nossa alma apagou Deus com o
carvão de um muro"*

Soneto *Descrença*, 1870.

E neste entrecho seria de entrar num outro capítulo de interpretação do Anti-Cristo de Gomes Leal, escrito, espantosamente alguns anos antes do seu homónimo nietzscheano.

Mas outra será a orientação destas linhas. Se nos referimos à síndrome do sangue como factor decisivo obsessional em Gomes Leal, não nos esqueçamos da cor, indissolúvel na fermentação de um clima erótico.

A Cor

Vimos já como o branco e o vermelho se encontram ligados à imagem do corpo feminino imolado. Em um dos sonetos mais belos de Gomes Leal, que se chama precisamente "Alucinação da Cor", mesclam-se com especial ousadia, através de efeitos sinestésicos, a cor e o som, na condução de metáforas segundo horripilantes assassínios em leitos nupciais. Só que a mestria do poeta devolve-nos a mensagem com uma coloração mais pressentida que explícita. Leiamos um excerto deste soneto:

*"Alucina-me a Cor! A Rosa é como a Lira,
A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira!
Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A trivial camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes no ar perpassa a nota alada
Como a perdida cor d'alguma flor que expira!
Há plantas ideais dum cântico divino*

O Conceito de Representação

*Irmãs do oboé, gémeas do violino;
Há gemidos no azul, gritos no carmezim!
A magnólia é uma harpa etérea e perfumada!
E o cacto a larga flor, vermelha e ensanguentada
Tem notas marciais, soa como um clarim!"*

Contudo, a antinomia Branco / Vermelho é, sem dúvida, a que predomina sobre qualquer outra: a pele da amada / supliciada, marmórea, fina, límpida, pura e o sangue que brota, não de uma desfloração mas da morte. Como num festim pagão, onde a vítima se imola perante os convivas.

*"Bela! dizia eu, como uma mesa lauta
Para um festim pagão: a Forma, o Som, a Cor.
Bela! dizia eu, como nocturna flauta,
Desfiando, no mar, a ladainha – Dor"*

Nevrose Nocturna

A cor torna-se, assim, um elemento desencadeador da "nevrose nocturna" qual alucinação feroz.

A beleza não é estática em Gomes Leal. Será estática na pose com que se apresenta perante o espectáculo do olhar masculino, que é carrasco o degolador na intenção do desejo. Mas não é estática ao desencadear as pulsões de morte. O desejo é possante e violento e para atingir um absoluto tem de passar pela execução do objecto que elegeu. A violação é transferida, assim, para a morte: a morte consagra o prazer último através do elemento sangue. Beleza e Dor, Morte e Vida, Sonho e Realidade, Aparência e Forma reúnem-se numa apoteose onde será difícil discernir o que é, daquilo que não é:

*"Na alcova, sobre o leito, inerte, exausta exangue,
Celeste estrebuchava em um lençol de sangue.
Ele, a um canto, assim, com'os lunáticos,
tinha uns olhos de sombra, esfíngicos, erráticos".*

Anti-Cristo

O olhar masculino despede-se intacto daquela imagem de feitiçaria e magia, provocada pela beleza exaltante do corpo feminino. E após neutralizá-lo, na irrupção iniciática do sangue, pode expulsá-lo da imaginação onde há muito se instalara. A morte é expiação, mas também tranquilidade. Libertação e apocalipse de um mesmo destino.

A Representação do Feminino na Obra de Gomes Leal

A representação do feminino esconde-se na morte e no apocalipse; daí o seu carácter paradigmático nesta produção poética fim de século.

Gomes Leal's intellectual labour is distinguished by a special vision of Woman. The sacrifice of the bride is an obsessive idea in the Gomes Leal's poems. In decadent romantisme period Gomes Leal is the most romantic poet of Portuguese Literature.